

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

MARIA DO BOM CONSELHO MAXIMIANO ROBERTO

**O QUILOMBO DO LIVRAMENTO:
CONHECENDO E RESIGNIFICANDO SUA HISTÓRIA**

**PRINCESA ISABEL – PB
2014**

MARIA DO BOM CONSELHO MAXIMIANO ROBERTO

**O QUILOMBO DO LIVRAMENTO:
CONHECENDO E RESIGNIFICANDO SUA HISTÓRIA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviços Públicos do Estado da Paraíba, em cumprimento a exigência para a obtenção do grau de especialista.

Orientador: Nivaldo Rodrigues da Silva Filho

**PRINCESA ISABEL – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R639q Roberto, Maria do Bom Conselho Maximiano
O Quilombo do livramento [manuscrito] : conhecimento e
ressignificando sua história / Maria do Bom Conselho Maximiano
Roberto. - 2014.
36 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual
da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Nivaldo Rodrigues da Silva Filho,
Departamento de Educação".

1. Quilombo do Livramento. 2. História. 3. Comunidades
Quilombolas. I. Título.

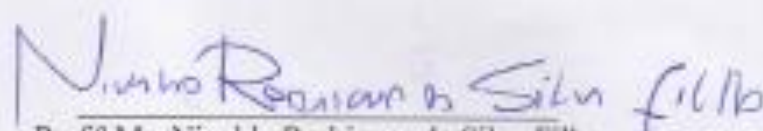
21. ed. CDD 326


MARIA DO BOM CONSELHO MAXIMIANO ROBERTO


O QUILOMBOLA DO LIVRAMENTO CONHECENDO E
RESSIGNIFICANDO A SUA HISTÓRIA

Monografia apresentada ao curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba em convênio com a Secretaria de Educação Estado da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 26 de julho de 2014


Prof.º Ms. Nivaldo Rodrigues da Silva Filho
Orientador


Prof.º Ms. Sérgio Simplicio da Costa Simplicio
Examinador


Prof.º Ms. Marianne Sousa Barbosa
Examinadora

minha mãe Hozana (in memorian), que muitas vezes
sacrificou seus sonhos para que os meus fossem realizados
e que deixou saudade no meu coração...
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Pereira, coordenador do curso de Especialização, por seu empenho.

Ao professor Dr. Nivaldo Rodrigues da Silva Filho pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

A minha mãe (in memoriam), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

Aos Professores do Curso de Especialização da UEPB, em especial, Jurani, Nivaldo, Sérgio, Murilo, Émerson que contribuíram ao longo desses meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, Pereira, Emanuel, Rivaldo e Cícera, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de Classe pelos momentos de amizade e apoio.

Se queres saber quem sou
Se queres que te ensine o que sei,
Deixa um pouco de ser o que tu és
E esquece o que sabes.

(Amadou Hampaté Bâ)

RESUMO

Este trabalho monográfico apresenta uma pesquisa sobre a história do povo de Livramento que foi construída a partir da fuga de negros que se encontraram no alto da Serra Grande do Pajeú, vista panorâmica e difícil acesso a este lugar. Conseguiram sobreviver graças às grandes pedras e rochas numerosas existentes no local que fizeram das mesmas os seus abrigos. A alimentação eram plantas e animais que conseguiram capturar. Após terem a certeza que ali era um lugar de escasso movimento, resolveram estabelecer moradas fixas, cognominando o local de Livramento, porque sentiram que ali haviam alcançado a liberdade. Hoje o sítio Livramento é reconhecido como Comunidade Remanescente de Quilombo Sítio Livramento. Este trabalho relata a história dessa comunidade, tomando por pilar basilar: os depoimentos contidos nas memórias daquela gente e em documentos manuscritos das últimas décadas da escravidão. Livramento se localiza no Planalto da Borborema, na divisa entre os estados da Paraíba e Pernambuco. Trata-se de uma Pesquisa de campo em que o método utilizado foi o descritivo por meio de relatos e entrevistas realizadas no dia 10 de junho de 2013 com a comunidade quilombola com a finalidade de colher dados, a qual segue em anexo e pesquisas, tendo como base os teóricos: Moura (1992), Reis & Gomes (1996), Osório (2005), Cantarino (2000), Amorim (2000), Eurípedes Funes (1996) e alguns dos habitantes do quilombo Livramento por ser por ser teóricos empíricos. Tendo como objetivo conhecer o quilombo que ainda se mantém vivo e que deve ser contextualizado para educar a partir da história de luta e de resistência desse povo, dos costumes dessas comunidade quilombola e do respeito aos mais velhos, além de educar a partir dos saberes e conhecimentos científicos acumulados na vivência e organização coletiva.

Palavra-chave: Memória, História, Quilombo.

ABSTRACT

This monograph presents research on the history of the people of Deliverance which was built from the blacks who were found on top of Sierra Grande do Pajeú , panoramic views and access to hard to escape this place . Managed to survive thanks to the large number of existing stones and rocks in the same place that made their shelters . Power plants and animals that were able to capture . After having checked that it was a place of little movement there, resolved to establish fixed abodes , cognominando place Deliverance , because they felt they had achieved freedom there . Today the site is recognized as Deliverance Remnant Community Quilombo Site Deliverance . This paper describes the history of this community , taking as fundamental pillar : the statements contained in the memories of those people and handwritten documents of the last decades of slavery . Deliverance is located in Borborema Plateau on the border between the states of Paraíba and Pernambuco . This is a research field in which the method was used by means of descriptive reports and interviews on 10th June 2013com the maroon community in order to collect data , which is attached hereto and research , with the the theoretical basis : Moura (1992) , Reis and Gomes (1996) , Osorio (2005) , Cantarino (2000) , Amorim (2000) , Euripides Funes (1996) and some of the inhabitants of the quilombo Deliverance by being theoretical to be empirical . Aiming to meet the Quilombo that still remains alive and must be contextualized to educate from the history of struggle and resistance of the people, the customs of these maroon community and respect for elders , and educate from the knowledge and accumulated experience in organizing and collective scientific knowledge .

Keyword : Memory , History , Quilombo .

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
DAS SENZALAS AOS QUILOMBOS: UMA REALIDADE BRASILEIRA.....	13
1.1. A vida nas comunidades quilombolas.....	14
1.2. Os direitos adquiridos pelas comunidades quilombolas.....	15
1.3. A “luta” do movimento quilombola nacionalmente	16
1.3.1. A luta do Livramento pelo reconhecimento e demarcação da área.....	20
HISTÓRICO DO LIVRAMENTO.....	22
2.1. Localização e vida da comunidade Livramento.....	25
2.2. A cultura do Quilombo Livramento.....	27
MEMÓRIAS E PRESERVAÇÃO DO QUILOMBO LIVRAMENTO.....	31
3.1. O inesquecível líder da comunidade de Livramento	33
3.2. O Quilombo do Livramento: ontem e hoje.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39
ANEXOS.....	41

INTRODUÇÃO

Trabalhar com este assunto relacionado aos Quilombolas e Comunidade Remanescente de Quilombo é um desafio uma vez que a dificuldade de entendimento entre o senso comum social e as atualizações políticas e jurídicas na sociedade brasileira não contribui para apropriação e fortalecimento da luta Quilombola.

As Comunidades Quilombolas são fontes de riqueza e valores culturais muito significativos para a construção da sociedade brasileira, sua organização social, política e econômica, são desafiadoras para a ordem social moderna, sua conjuntura permite com clareza estabelecer o ressurgimento ou até mesmo o aparecimento de um modelo diferenciado de sociedade.

O tema abordará as questões históricas e políticas da Comunidade Remanescentes do Quilombo Sítio Livramento para mostrar as histórias daquele cenário de tons alaranjados encravado no topo de uma montanha. Com personagens narradoras de detalhes que se entrelaçam (às vezes, de forma confusa) e ajudam a costurar a história daquele povo que, por pouco, não ficou isolado detrás dos muros originais de pedras erguidos na época em que chegaram à região os primeiros negros fugidos da escravidão no Brasil.

O Livramento se localiza no Planalto da Borborema, próximo a um dos pontos culminantes do Nordeste, Pico do Papagaio, com 1.360 metros de altitude, na divisa entre os estados de Pernambuco e Paraíba, sendo reconhecido pela Fundação Cultural Palmares como pertencente ao município de São José de Princesa – Paraíba, desde 2007.

Comunidade quilombola do município de São José de Princesa, a 460 km de João Pessoa, abriga 49 famílias que moram a 1135 metros sobre o nível do mar (das quais 90% são negras) em casas simples, feitas com pedras, e dependem, exclusivamente, da criação de animais e plantação de milho e feijão para o consumo próprio.

A Comunidade Sítio Livramento teve seu início no final do século XVII, quando chegaram três famílias de negros que viajavam fugidas da hostilidade e trabalho escravo dos canaviais da costa pernambucana.

Parte de sua história está aqui apresentada com o objetivo de contribuir para essa luta que se fundamenta nas suas próprias histórias, que de acordo com o historiador Eurípedes Funes, História que está presente na memória dos mais velhos, os quais são bons narradores da saga de seus antepassados e que permitem resgatar um passado nem sempre revelado nos

documentos escritos. Uma memória que é referencial ao mesmo tempo de ancestralidade e de identidade.

Durante a execução dos trabalhos houve entrevistas com a comunidade local para que fossem abordados os acontecimentos guardados na memória daquela gente tudo que constrói a história desse povo e do seu lugar das locas, onde os negros fugidos se esconderam, as ruínas das casas onde seus ascendentes viveram, os lugares onde se reuniam para as noite de “coco”, enfim toda sua trajetória geográfica e histórica.

O Quilombo do Livramento possui uma forma de viver a sua história, através de cantigas, de passeios, de narrativas e de danças que contemplam assim o viver do seu passado. Daí surge a inquietação e a vontade de desenvolver um trabalho sobre aquela comunidade para que se possa conhecer um pouco mais daquela gente a partir da memória e perante as políticas públicas voltadas para a questão quilombola.

A viagem pelo mundo negro é, onde se podem conhecer os quilombos que ainda se mantém vivo e que deve ser contextualizado para educar a partir da história de luta e de resistência desses povos, dos costumes dessas comunidades quilombolas e do respeito aos mais velhos, além de educar a partir dos saberes e conhecimentos científicos acumulados na vivência e organização coletiva.

Neste sentido, os valores ancestrais, a importância das relações com a terra, com o sagrado e com as diversas formas de organização social e política, necessitam ser incorporadas no conhecimento não só nas escolas quilombolas, mas em todos que se interessam pelo tema, que atendem os anseios oriundos da comunidade do Livramento e de outras comunidades.

Este trabalho apresenta conceitos relevantes sobre as concepções de quilombo, família, e participantes, tendo como base os teóricos: Moura (1992), Reis & Gomes (1996), Osório (2005), Cantarino (2000), Amorim (2000), Eurípedes Funes (1996) e alguns dos habitantes do quilombo Livramento por ser por ser teóricos empíricos.

Trata-se de uma Pesquisa de campo em que o método utilizado foi o descritivo por meio de pesquisas, relatos e entrevistas realizadas no dia 10 de junho de 2013 com a comunidade quilombola, sobre a história do quilombo Livramento para a obtenção de dados relevantes a pesquisa. Houve também leituras específicas para embasamento teórico a respeito da temática em questão, realizadas em livros com o intuito de adquirir um conhecimento maior sobre o assunto para ajudar na elaboração do trabalho.

As entrevistas foram compostas de perguntas simples e claras para que sejam compreendidas e tenham maior aceitação dos entrevistados. E, todas as informações são

aceitas e repassadas para todos que se interessarem pelo o assunto com a maior das veracidades.

Esta monografia apresenta-se em três capítulos, seguidos pela conclusão. O primeiro capítulo traz o título: “Das senzalas aos quilombos”: uma realidade brasileira, trata da evolução do conceito de quilombo no Brasil, suas referências nos estudos e discussões teóricas que prevê o direito à propriedade das terras ocupadas por remanescentes de quilombos. Nesse capítulo, será abordado também um pouco da comunidade de Livramento,

No segundo capítulo que teve como tema: “Histórico do Livramento”, abordando-se os aspectos físicos ambientais, sociais, culturais, políticos e territoriais. Os conceitos de espaço, território e territorialidade dentro da corrente da Geografia Humanística Cultural foram o aporte maior deste capítulo. a partir de seu histórico que remonta a origem da comunidade , ao longo de sua história, busca uma organização que respeite as diferenças étnico-raciais. Destaca-se os Quilombolas em vários momentos da sociedade brasileira, entre eles, a busca pela constitucionalidade das políticas de ações afirmativas, a demanda pela criação de órgãos governamentais para atuar na temática. Focaliza-se, também, a relação entre esse contexto nacional e local e a atuação da associação quilombola de Livramento.

O terceiro capítulo que trás como título: “Memória e preservação do Quilombo Livramento” discute os conceitos território e lugar, eleito categoria de maior relevância, neste trabalho, torna-se importante por destacar os elos afetivos dos sujeitos desta pesquisa com o local de vivência. Assim, apresentamos os sujeitos que participaram das entrevistas, depoimentos e os percursos executados no decorrer das atividades, o capítulo ainda traz informações sobre a liderança do quilombo e a atualidade.

E nas considerações finais, apresentam-se comentários acerca das famílias e do ambiente quilombola, explicitando que para que haja um conhecimento mais claro, depende de um processo longo, e para isso é preciso que exista um propósito definido no contexto em que a o visitante e a famílias ali existentes sejam aliados.

Portanto, chega-se a perceber que as lembranças de um tempo passado, a história e parte de seu povo que já se foi, reluzem na mente dos mais antigos moradores de Livramento, através das celebrações, festejos e das práticas do cotidiano que permanecem vivas em seus descendentes.

I- DAS SENZALAS AOS QUILOMBOS: UMA REALIDADE BRASILEIRA

Ao iniciar e ingressar na área de grande interesse deste trabalho, a Análise do Discurso, convém primeiramente saber o que era um “quilombo”, como era formado e por quem para que possamos entender melhor o contexto em que este trabalho está inserido. No entanto, antes disso, vale ressaltar que só existiram os quilombos porque houve escravidão de negros no nosso país. Segundo registros, “os negros escravizados no Brasil (na era colonial) foram trazidos da África, a partir do ano de 1749, em porões de navios que apresentavam condições subumanas” (MOURA, 1992, p.07). Muitos deles resistiam ao regime em que viviam e outros fugiam formando os chamados quilombos, que de acordo com Moura (1993, p.11):

[...] era[m], segundo definição do Rei de Portugal, em resposta à consulta do conselho Ultramarino, datada de 2 de dezembro de 1740 ‘toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem achem pilões neles.

O quilombo foi à unidade básica de resistência do escravo perante a sociedade em que vivia (MOURA, 1993, p. 14). Ou seja, essa forma de organização denominada quilombo era o mínimo que os ex-escravos podiam fazer para se manterem fortes perante a opressão sofrida. Podemos dizer, ainda, que para o termo “quilombo” havia dois significados no Brasil colonial, porém hoje é considerado somente um deles. “Para os senhores de engenho e autoridades da época da escravidão, quilombo significava reduto de escravos fugidos; [já] para os africanos quilombolas [moradores do quilombo], ao contrário, significava comunidade em solidariedade, em convivência, comunhão existencial, um significado derivado da língua Kimbundo da África Austral” (NASCIMENTO: 1982 apud FRANÇA, RUY & VIEIRA; 2007).

Quilombo também podia ser sinônimo de um tipo de resistência; uma forma de união que os escravos fugidos tinham encontrado para que, assim, não fossem alvo fácil para os capitães-do-mato (pessoas que recapturavam os escravos que fugiam). Contudo, na visão de Reis & Gomes (1996, p. 9-10):

[...] Houve, no entanto um tipo de resistência que poderíamos caracterizar como a mais típica da escravidão [...] trata-se da fuga e formação de grupos de escravos fugidos. (...) no Brasil, esses grupos eram chamados principalmente [de] quilombos e mocambos e seus membros, quilombolas, calhambolas ou mocambeiros.

Portanto, partindo do princípio do dito popular de que “a união faz a força”, os negros viam o quilombo como uma união difícil de ser destruída, já que lá todos estariam juntos e preparados para resistir a possíveis ataques de quem os tentasse recapturá-los. Assim, fica claro que o quilombo nada mais era do que um (a) grupo (comunidade) de escravos fugidos das senzalas das fazendas na época da escravidão que se alojavam em lugares de difícil acesso para não serem (re)capturados para o trabalho escravo. Entretanto, com base neste conceito, daqui pra diante em nosso trabalho; ao utilizarmos o termo “comunidade remanescente (ou de remanescentes) de quilombo” temos em mente que são aqueles descendentes de escravos fugidos e organizados em quilombos.

1.1. A vida nas comunidades quilombolas

É público e notório que a formação de um quilombo era dada quando negros escravos fugiam das senzalas (casas em que ficavam os escravos nas fazendas na era da escravidão), e muitas vezes que isso ocorria, a mata se tornava a casa deles e o medo de serem recapturados para o trabalho escravo era tão grande que fazia com que eles fugissem para os lugares mais distantes das fazendas e se fixassem, construindo moradias de pau a pique e sapé e casas de pedras. .

Segundo o Artigo de Luiz Marcos de Sousa (2008, p.12) que diz:

[...] e sobrevivessem da lavoura, caça e pesca; já que os homens, quando na antiga condição de escravos, trabalhavam, na maioria das vezes, na lavoura, dominavam boa parte das técnicas. Em alguns casos, os negros fugidos eram recapturados facilmente; porém, os poucos que sobravam livres procuravam se manter sempre unidos para, assim, se manterem fortes

Após muitos anos de luta e resistência, ainda podemos encontrar hoje no Brasil muitos remanescentes de quilombos. No entanto, focaremos o Quilombo do Livramento, por ser a comunidade estudada neste trabalho. E vale lembrar que em conversa com Dona Rosa

(historiadora empírica do quilombo Livramento) boa parte dessas comunidades o dinheiro não tinha tanto valor como nos dias de hoje, pois só era utilizado para a compra de cortes de tecidos, para a fabricação de roupas, sal e de artigos e utensílios que não eram fabricados/ produzidos na comunidade; ou seja, tudo o que era consumido era fabricado/ plantado no próprio quilombo.

Também ela discriminou que o feijão, a mandioca (para fins alimentícios e fabricação de farinha), o café era plantado para o próprio consumo e troca com outros produtos na mesma comunidade ou em comunidades vizinhas. O açúcar também não era comprado, na verdade era raro, e o café era adoçado com a rapadura (um derivado da cana de açúcar); o óleo era extraído da criação de porcos que eram cultivados pelos moradores da comunidade.

Portanto, a partir disso, fica evidente que a “evolução” (ou envolvimento) com o “mundo exterior”, em partes, só veio a prejudicar as comunidades quilombolas, tratando-se de questões culturais, pois os moradores dos quilombos deixaram de preservar a cultura e o modo de viver e assimilaram a cultura do “resto da sociedade”.

Prova disso é que, infelizmente, as manifestações culturais de algumas já se acabaram e o modo de vida tradicional das poucas que restam está se acabando. De modo especial, as plantações têm sido pouco cultivadas e os jovens, geralmente, têm uma visão mais capitalista do que cultural das comunidades quilombolas; ou seja, o modo de vida tradicional está sendo deixado de lado; diríamos que, trocado, pela visão capitalista do mundo atual.

1.2 Os Direitos adquiridos pelas Comunidades Quilombolas

A situação das comunidades negras que vivem no Brasil é preocupante. Um povo que compõe a etnia do povo brasileiro, que modelou a sociedade com seu trabalho escravo e que, portanto, participou ativamente da formação do Brasil, bem como do seu progresso com sua mão-de-obra até os dias atuais: “estabeleceu relações de produção fundamentais na estrutura dessa sociedade e direcionou o tipo de desenvolvimento subsequente de instituições, grupos e classes, não pode ser esquecido”. (CATARINO, 2000 p. 58)

Segundo Osório (2005) observa que muitos quilombos prevalecem até hoje e a maior luta dessas pessoas é a comprovação legal da posse das terras que ocupam, pois a comprovação da identidade afro-descendente e a legalidade da posse das terras onde vivem são quesitos que permitem a essas pessoas num dado sistema social e serem localizadas por este. Osório (2005), ainda informa que a maioria desses quilombos localiza-se em áreas destituídas de infraestrutura básica ou estão afastados dos centros econômicos.

Osório (2005) também relata que quando os grupos familiares de negros conseguem permanecer em áreas urbanas localizadas em regiões valorizadas, são discriminados pelos vizinhos e tratados como ‘ocupantes’ e ‘invasores’, mesmo que, curiosamente, ali esteja há décadas.

De acordo com Osório (2005), as áreas urbanas onde residem os negros são percebidas pela sociedade envolvente como um local onde moram pessoas de origem afro-descendente e que poucas questões são tão complexas quanto a questão da terra e dos direitos associados à posse e ao uso vital deste recurso finito. “Aqueles sem proteção ao direito à terra enfrentam insegurança, falta de acesso à renda e aos serviços básicos e sofrem uma ampla gama de violações de seus direitos humanos” (OSÓRIO, 2005, p. 7).

Além das comunidades quilombolas urbanas há também as rurais. Cantarino (2000) observa que muitos grupos que se definem como “remanescentes de quilombos” vivem em territórios separados no alto curso dos rios ou em povoados situados próximos das matas e praticam um isolamento defensivo diante da entrada de estranhos em suas comunidades.

O fato de se comportarem dessa forma não serve de base para serem vistos como isolados sociais ou culturais. Cantarino (2000) enfatiza que a identidade desses grupos não é definida isoladamente, mas em um contexto integrado à chamada modernidade e a processos considerados de globalização. Os trabalhos de mapeamento e identificação das áreas remanescentes de quilombos contam, para sua implementação com subsídios governamentais da FCP e do Ministério da Agricultura.

Cantarino (2000) afirma que a construção de uma rede de cooperação estreita entre diferentes parceiros deve contribuir decisivamente com informações importantes sobre as comunidades negras rurais, e que tais informações podem constituir um banco de dados atualizável de forma constante, que permita orientar futuras ações conjuntas, no sentido de contemplar os direitos constitucionais das comunidades negras rurais.

1.3 A “luta” do movimento quilombola nacionalmente

Tratar de Quilombos e Comunidades Remanescentes de Quilombo é hoje um desafio pela dificuldade de entendimento entre senso comum social e as atualizações políticas e jurídicas na sociedade brasileira, uma vez que, o Brasil, um país colonizado, onde a mão-de-obra escravizada se fez de índios e negros, se depara hoje com a urgência de cuidar dos danos sociais causados pelo sistema implantando por longos séculos.

Segundo o ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza, 2009. A “luta” do movimento quilombola nacional tem raízes na questão racial no Brasil, que é reconhecida aqui como originária, desde a instituição do sistema escravista, representada pelos diversos modos de resistência a este sistema, como fugas, ações de protesto, formação de quilombos, entre outras. O quilombamento é tido como sua forma mais expressiva, sendo por esse motivo tomado como símbolo de resistência da luta racial no país.

Conforme XXV Simpósio Nacional de História Realizado no Ceará:

Com o passar dos anos pós Lei Áurea, o movimento que foi abolicionista se expande, ganhando novas questões, novos personagens e novas organizações. Mesmo durante os anos de ditadura militar, o Movimento Negro persiste, ganhando força no exterior. Findos os governos ditatoriais foi somente na década de 1980 que teve início o sistema democrático no país, com algumas mudanças e implementações representativas, como a “instituição” da Constituição de 1888, na qual se destaca o reconhecimento de questões de terra e de cultura para índios e negros. (ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza, 2009)

Ainda baseado no Simpósio em 1988, comemorando-se o centenário da Lei Áurea de 13 de maio de 1888, foram-se disseminando os debates públicos sobre relações raciais e as condições sociais do negro brasileiro, e foi nesse clima que foi redigido e promulgado o artigo 68 da Constituição de 1988, que institui que “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”.

Concomitantemente, através da Lei n° 7.668, de 22.08.88, foi instituída a Fundação Cultural Palmares, que em seu artigo 2º, inciso III, deu-lhe o dever de “realizar a identificação dos remanescentes das comunidades dos quilombos, proceder ao reconhecimento, à delimitação e à demarcação das terras por eles ocupadas e conferir-lhes a correspondente titulação”.

Em busca de romper com a associação ao significado de quilombo do período da escravidão, que é aqui onde não há entendimento entre senso comum e atualizações políticas e jurídicas, em 1994, O GT da ABA (Associação Brasileira de Antropologia) então escolhe o conceito de etnia de Fredrick Barth para classificar os remanescentes de quilombo como uma categoria étnica, “ ‘um tipo organizacional que confere pertencimento por meio de normas e meios empregados para indicar afiliação ou exclusão’ (ABA, 1994)” (ARRUTI, 2006, p.92), rompendo com o modelo palmarino. A partir daí dar-se-ia ao artigo o caráter de autodefinição e da coletividade.

Daí, também, que, ao significar o abandono daquela busca por ‘pequenas áfricas’, a adoção do marco teórico da etnicidade rompe não só com uma linha de trabalhos acadêmicos, mas também com um tipo de discurso político (ARRUTI, 2006, p.93).

A autoatribuição teve como objetivo negar argumentos e trabalhos das agências interessadas em negar os direitos a estes grupos. “Nesses casos, a categoria de autoatribuição serviu como um ponto de fuga contra a estratégia de capturar tais rótulos em um rol fixo de características, em geral referidas a um determinado estereótipo culturalista ou historicista do que tais grupos deveriam ser, que excluiria a maioria dos casos concretos” (ARRUTI, 2006, p.94).

Uma das primeiras pesquisas sobre comunidades negras rurais se deu em 1988, no Maranhão, realizada pelo Projeto Vida de Negro em parceria com o Centro de Cultura Negra (CCN) e com a Sociedade Maranhense de Defesa dos Direitos Humanos (SMDDH), utilizando como base o texto do antropólogo Alfredo Wagner de Almeida (1989), “Terras de preto, terras de santo, terras de índio: uso comum e conflito”.

Este antropólogo, Almeida (1989), ressalta que o vínculo que os quilombolas possuem com determinados espaços de terra têm origem geralmente por concessões feitas pelo Estado em retribuição à prestação de serviços de guerra, herança de negros filhos de grandes fazendeiros, compra de terras, herança deixada aos negros, mas em nomeação a santos, ocupação no período escravista e no a partir do pós- abolição até a atualidade, bem como extensões de antigos quilombos, aforamentos de valor simbólico, entre outros.

A Articulação Nacional das Comunidades Remanescentes de Quilombo (ANCRQ), criada em 1995 e sediada no Projeto Vida de Negro (MA), foi a responsável pelos inúmeros encontros pela causa, principalmente no Nordeste.

A partir de 1995, a responsabilidade quanto ao procedimento e titulação foi transferida da Fundação Cultural Palmares ao Incra, através da Portaria 307. Três anos depois, esse dever é novamente transferido à Fundação Cultural Palmares, através da Portaria n.08/ n.40(99), cabendo ao INCRA à responsabilidade sobre o processo de demarcação. Assim, em 13 de maio de 2003, o Governo Federal institui um Grupo de Trabalho composto por representantes de diversos ministérios, além da Advocacia Geral da União, Gabinete de Segurança Institucional – GSI, representantes do movimento quilombola, principalmente da CONAQ1, e especialistas no tema com especial ênfase para a área jurídica e antropológica. Foi a partir deste GT que fora instituído, em 20 de novembro do mesmo ano, o Decreto 4.887, que em seu artigo 2, define que os remanescentes das comunidades dos quilombos “são os grupos étnico-

raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra, relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”.

Em 07 de fevereiro de 2007, com o Decreto 6.040, essa importância da dimensão além do econômico pela garantia de direito a terra se amplia também para a Política Nacional CONAQ é uma organização de âmbito nacional que representa os quilombolas do Brasil. Criada em maio de 1996, em Bom Jesus da Lapa/Bahia, durante reunião de avaliação do I Encontro Nacional de Quilombos. Dela participam representantes de comunidades de 22(vinte e dois) estados da federação de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, que prevê, em seu art. 3º que “os territórios tradicionais são espaços necessários à reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõem os arts. 231 da Constituição e 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e demais regulamentações”.

Diante disso, o movimento quilombola assim se posiciona: Conceber as comunidades quilombolas a partir da perspectiva da autodefinição tem levantado algumas ponderações sobre as manipulações que podem ser empreendidas pelos próprios sujeitos sociais pertencentes a essa identidade étnica. Isso é base, inclusive, para a ADI, impetrada pelo Partido da Frente Liberal – PFL, atual Democratas – DEM, no Supremo Tribunal Federal – STF, ao Decreto 4887/2003, que regulamenta a titulação de terras de quilombos e se constitui na perspectiva da auto declaração da comunidade. Ao alegar a sua inconstitucionalidade, parece-nos, mais uma vez, o desejo de retorno legal à escravidão.

Segundo a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ) que os interesses contrários aos direitos quilombolas de hoje, são os mesmos daqueles que, no período da escravidão, lutaram incansavelmente para que a mesma não tivesse fim. Contestaram e contestam, principalmente, o direito aos territórios das comunidades que, uma vez titulados, se tornam inalienáveis e coletivos. As terras das comunidades quilombolas são herdadas e cumprem sua função social precípua, dado que sua organização se baseia no uso dos recursos territoriais para a manutenção social, cultural e física do grupo, fora da dimensão comercial. São territórios que contrariam interesses imobiliários, de instituições financeiras, grandes empresas, latifundiários e especuladores de terras. Os conflitos fundiários hoje existentes em algumas comunidades quilombolas envolvem, na maior parte das vezes, esses atores, que repito, são os mesmos de ontem.

1.3.1 A luta do Livramento pelo seu reconhecimento e demarcação da área

Livramento – liberdade conquistada, território de negro, vem para lhes informar que o território foi conquistado, que é território de negro, mas que ainda hoje essas terras não foram demarcadas, que não fora entregue o título de posse ao povo de Livramento. O Decreto 4.887 de 2003, além de a realização de uma política justa em relação aos afrodescendentes, promove o conhecimento histórico brasileiro, a partir de seus próprios entes, nesse caso os quilombolas, e através de estudos voltados para a questão.

A problemática é o atendimento ao direito conquistado, a efetivação da demarcação e titulação das terras, bem como políticas públicas de desenvolvimento sustentável para essas populações que continuam no mar da burocracia e do obscurecimento político por parte dos filhos de nossa aristocracia.

Livramento é filho de um quilombo, hoje, Comunidade Remanescente de Quilombo Sítio Livramento, mas que, como todas as demais comunidades quilombolas, indígenas, tradicionais, e os demais que não se enquadram em categorias, mas que necessitam da mesma forma, deve ser atendidos em seus direito por uma vida melhor no que concerne a qualidade humana que compomos.

Livramento teve seu título de reconhecimento publicado no Diário Oficial no dia dois de março de 2007. A Associação de Remanescentes de Quilombo do Livramento – ARQL, foi fundada em cinco de dezembro de 2003 e está vinculada ao município paraibano São José de Princesa.

Localiza-se no Planalto da Borborema, na divisa entre os estados de Pernambuco e da Paraíba, próximo a um dos pontos culminantes do Nordeste, o Pico do Papagaio - com 1.360 metros de altitude, a 14 quilômetros da cidade Triunfo (sertão de Pernambuco) - essa comunidade se distancia da capital Recife cerca de 430 km.

Parte de sua história está aqui apresentada com o objetivo de contribuir para essa luta que se fundamenta nas suas próprias histórias, que de acordo com o historiador Eurípedes Funes, História que está presente na memória dos mais velhos, bons narradores da saga de seus antepassados, que permitem resgatar um passado, nem sempre revelado nos documentos escritos. Uma memória que é referencial ao mesmo tempo de ancestralidade e de identidade (FUNES, apud REIS, 1996: 467).

II- HISTÓRICO DO LIVRAMENTO

Paulo Mariano é um grande escritor do alto sertão, natural da cidade Princesa Isabel, estado da Paraíba. Esse escritor durante a sua trajetória realizou um estudo sobre Livramento nas décadas de 1940 – 1950. E, Mariano (1994), baseando-se na memória do povo de Livramento., onde teve a oportunidade de visitar várias vezes a comunidade Livramento e obteve informações precisas sobre sua história através de um padre que assistia a comunidade nesse período, cujo nome ele não se recordava quando em entrevista realizada em março de 2007. Este padre, interessado em conhecer a história do lugar, perguntava aos negros, durante as confissões, sobre a origem de Livramento. De acordo com alguns estudiosos especializados no assunto relatam que um negro chamado Semba, escravo de descendência africana, foi vendido no Cais do Porto da Capitania de Itamaracá para o senhor do engenho Turiaçu, da Capitania de Pernambuco. Logo foi escolhido para uma expedição em busca de ouro, por ser um experiente e hábil caçador das estepes africanas, de onde havia sido arrancado há pouco tempo. Nesta expedição gravou os acidentes geográficos por onde passou.

Poucos anos depois do retorno da expedição, Semba liderou uma rebelião de escravos africanos que viviam nos canaviais de Pernambuco no trabalho forçado e meteu -se pelo Sertão, seguindo a crista da Serra da Borborema, enfrentando doenças, animais selvagens, índios, além dos temíveis capitães do mato que perseguiram escravos fugitivos.

Na sua caminhada, mata a dentro, ele chegou a Serra da Baixa Verde, foi ali que Semba escolheu o lugar mais estratégico, onde o acesso é muito difícil e dali se podia ter uma visão panorâmica de todas as direções, desta forma, qualquer branco perseguidor que quisesse chegar ao quilombo, seria visto antes de tentar escalar as escarpas da serra. Então resolveu se fixar neste local, alojando-se nas pedras existente, dando início ao quilombo Livramento.

Segundo Mariano (1994, p.), o Livramento, comunidade quilombola do sertão da Paraíba começou a escrever sua história no final do século 17 com a chegada de negros fugidos dos canaviais da costa pernambucana. Negros descendentes de escravos africanos fugitivos dos canaviais de Pernambuco, que guardavam fortes características dos antepassados, vieram para região, provavelmente muitas décadas antes de abolida a escravatura, seguindo uma trilha primitiva utilizada pelos aventureiros europeus que adentravam o desconhecido sertão em busca de jazidas. Um grupo de escravos, numa arrancada rumo à liberdade, alojou-se no sudoeste paraibano, em lugar de difícil acesso.

Para manter a liberdade conquistada, neste local, e também pela preocupação com a segurança, os negros construíram casas de pedras que serviam de abrigo. As ruínas dos casebres de pedra, ainda existentes até hoje, dão o testemunho do mais antigo quilombo situado no interior do estado da Paraíba. O Quilombo do Livramento nunca sofreu ataques dos brancos através das expedições chefiadas pelos capitães do mato, acredita-se que foi devido à longa distância do litoral e por estar em espaço muito acidentado.

Segundo reportagem de Sabrina Barbosa, menciona que os negros fugitivos do trabalho forçado em Pernambuco e albergados no Livramento conquistaram a liberdade quase 100 anos antes da Lei Áurea. Não se sabe, contudo, a origem e a data de chegada exatas dos quilombolas, pois havia um pacto de silêncio entre eles como forma de autoproteção. E, sempre que podiam, os negros fugiam e reuniam-se em grupos ou povoados, chamados QUILOMBOS ou MOCAMBOS. Houve quilombos em muitas regiões e um destes foi o do LIVRAMENTO, localizado na Serra da Baixa Verde a 1.400 metros de altitude, distando acerca de 12 km da sede do município de Princesa Isabel - PB. Na época, adotaram forma de governo semelhante a que tinham na África.

Em Livramento, a história da comunidade é hoje aprendida na escola, mas até a geração das mães das atuais professoras, aprendia-se no cotidiano através da tradição oral, fosse dentro de casa, nas visitas, nas danças do “coco de roda”, no trabalho, ouvindo os mais velhos falarem, aprendendo como se faz ou deixa de fazer seguindo “os antigos” como chamam seus descendentes. Assim nos contou Dona Rosa e seu Zé Pequeno:

Porque, óia, não tinha televisão, não tinha rádio, não tinha nada. O divertimento desse povo de noite era a reza, “nera”, contar história. Na noite de lua, brincava de uma história de uma cobra, cantava cantigas de roda, num sabe (Maria Rosa dos Santos – Dona Rosa. 78 anos).¹

Ler eu num aprendi, praque as escolas eram pago, mas ninguém tinha condição, meus pais eram pobres demais, “maisi” a reza eles ensinaram, eu aprendi muita rezas. Papai me ensinava pra quando eu fosse sair de casa, fazer uma reza e eu gravei no juízo. Eu acredito que se eu tivesse ido para a escola eu tinha aprendido, praque tem reza que eu sei que quando eu aprendi eu tinha de oito pra dez anos e ainda tem muitas que eu sei ainda hoje (José Belarmino dos Santos – Zé Pequeno. 79 anos).²

¹ Maria Rosa dos Santos – Dona Rosa. 78 anos, é moradora do Quilombo Livramento, obteve esses dados mediante entrevista realizada no dia 10 de junho de 2013.

² José Belarmino dos Santos – Zé Pequeno. 79 anos é morador do Quilombo Livramento, obteve esses dados mediante entrevista realizada no dia 10 de junho de 2013.

A grande maioria dos moradores de Livramento, principalmente os mais idosos, não foi contemplado pela educação oficial sobre sua cultura viveram em suas memórias, em seus corpos informando a essencialidade do que precisa ser vivenciado e aprendido no contexto local. Eis aqui a importância de conhecer a história dessa comunidade primeiramente por sua memória. Uma vez que Livramento se fez grupo social desde o fim do século XX, e muitos elementos de sua história chegaram até hoje pela oralidade. A escrita foi recentemente implantado na comunidade.

Em Livramento dum dos moradores que se destaca é Maria Rosa dos Santos, carinhosamente conhecida como Dona Rosa dos Santos. Ela é referenciada na comunidade como a Guardiã da memória de Livramento a conhecedora das histórias “dos antigos”. Seu pai gostava muito de lhe contar as histórias dos negros, as histórias que seu avó lhe contava. Assim, vê-se como a história é transmitida de geração a geração.

Dona Rosa (Maria Rosa dos Santos, 78 anos), é referenciada em Livramento como a historiadora da comunidade. Ela nos conta a história do lugar onde mora, história contada por seu pai, que foi contada por seu avô. Dona Rosa, desde criança se questionava sobre o comportamento de alguns moradores de Livramento, sobre o porquê que eles se escondem das pessoas, “ói, eles botavam só a cabecinha de fora, o coipo era dentro de casa, se comiam, davam as costas, pai dizia que era com medo dos brancos, com medo deles vir pegar eles”.

Segundo Dona Rosa, a altitude foi o motivo primordial para a decisão de permanência de negros fugidos no local, advindos de senzalas. Contam, que os primeiros negros a chegar eram escravos fugidos, alguns comentam que vieram de Alagoas, que sobreviveram abrigados em locas, em cavernas, dentro das grandes pedras e rochas numerosas do local. O acesso era extremamente difícil, e a visão ampla fazia do lugar um local propício para o refúgio. Sobreviveram alimentando-se de plantas, principalmente do catolé, e de animais que conseguissem caçar. Dona Chicola (Francisca Patrício, 64 anos, descendente dos mais antigos moradores) afirma que seus ascendentes não contaram como chegaram porque tinham medo de serem descobertos. É o código do silêncio dos negros.

Após terem a certeza que ali era um lugar de escassa movimentação, resolveram estabelecer morada, dando início a formação do quilombo que denominaram Livramento, porque ali se sentiram segurança e que, a partir daquele momento, haviam alcançado a “liberdade”. Também contam que nunca houvera escravidão em Livramento. Os habitantes quilombolas tinham como rendas sustentáveis as suas casas de farinha e trabalhavam na

agricultura de subsistência e também na forma de “alugado”, isto é recebiam remuneração pelo dia trabalhado, ou por 1/5 (de cinco sacas de produtos colhidas, uma pertencia ao trabalhador), mas afirmam que, mesmo recebendo valor por seus trabalhos, sentiam-se explorados e discriminados.

Conforme Andrade (2005, p. 155) quando diz:

Às vezes, em grandes fazendas, devido à elevada produção o vaqueiro terminava também fazendeiro; geralmente havia em cada fazenda, fora o vaqueiro, alguns mestiços forros, chamados ora ‘alugados’ ora ‘fábricas’, que faziam serviços auxiliares, recebendo pequena remuneração em espécie, além de casa e comida.

Mesmo com pouca remuneração e com o trabalho contínuo dos habitantes desse povoado rústico, eles souberam preservar seu casario de pedras e vielas com chão de terra batida, Livramento é endereço de uma gente que não se cansa de contar, com orgulho, as histórias daquele cenário de tons alaranjados encravado no topo de uma montanha. "Você não sabe, mas eu vou dizer", esta é a deixa para Maria Rosa dos Santos, de 78 anos, começar uma deliciosa sequência de detalhes que se entrelaçam (às vezes, de forma confusa) e ajudam a costurar a história daquele povo que, por pouco, não ficou isolado detrás dos muros originais de pedras erguidos na época em que chegaram à região os primeiros negros fugidos da escravidão no Brasil.

2.1 Localização e vida da comunidade Livramento

Livramento teve seu título de reconhecimento publicado no Diário Oficial no dia dois de março de 2007. A Associação de Remanescentes de Quilombo do Livramento – ARQL, foi fundada em cinco de dezembro de 2003 e está vinculada ao município paraibano São José de Princesa. Localiza-se no Planalto da Borborema, na divisa entre os estados de Pernambuco e Paraíba; próximo a um dos pontos culminantes do Nordeste, o Pico do Papagaio - com 1.360 metros de altitude, a 14 quilômetros da cidade Triunfo (sertão de Pernambuco) - essa comunidade se distancia da capital Recife - PE cerca de 430 km. E a 460 km de João Pessoa – PB.

Segundo a Revista RAÇA (2013 p 15) em que explicita:

Essa comunidade quilombola do município de São José de Princesa, a 460 km de João Pessoa, abriga 49 famílias que moram a 1135 metros sobre o nível do mar (das quais 90% são negras) em casas simples, feitas com pedras, e dependem, exclusivamente, da criação de animais e plantação de milho e feijão para o consumo próprio. Reconhecida pela Fundação

Palmares como um remanescente das comunidades dos quilombos, em 2007, a Comunidade Sítio Livramento teve seu início no final do século 17, quando chegaram três famílias de negros que viajavam fugidas da hostilidade e trabalho escravo dos canaviais da costa pernambucana

A distância do litoral, o terreno muito acidentado e de difícil acesso, tudo isso garantiu ao quilombo não só a forma de segurança daqueles primeiros moradores afrodescendentes, mas também impedir a visita indesejada de brancos, conhecidos no Período colonial como capitães do mato, que viviam a procura de escravos fugitivos. Protegidos pelo isolamento e pelo medo de deixar as terras locais, aqueles negros teriam conquistado sua liberdade quase 100 anos antes da Lei Áurea, norma assinada em 1888, pela Princesa Isabel, que garantia uma suposta liberdade aos negros brasileiros.

Segundo a revista Raça (2013). A descoberta do grupo pelos frades da Ordem dos Carmelitas, anos mais tarde, trazia a possibilidade de um possível contato pacífico com os brancos e outro nome que resumisse bem sua nova condição: Livramento. "Os primeiros negros que chegaram se esconderam em uma loca e, como os brancos nunca vieram, ficaram por aqui mesmo", resume Dona Rosa, a 'historiadora' oficial da comunidade.

A revista Raça (2013) ainda diz que os moradores de Livramento, cujo nome original era Cinzeiro-Calugi, ainda relembram, em ritmo de embolada, a lenda da bela jovem que um dia fora levada por uma enchente que a carregou para um lugar tão desconhecido quanto sua cidade de origem. Até hoje é possível ouvir a música saudosa que homenageia Aiá em versos como "eu vi Aiá chorando, chorando eu vi Aiá, eu faço que tô te amando, que tô te amando e ainda vou te amar".

Conforme depoimento de Dona Rosa foi nesse local de mata fechada, que foram erguidas as primeiras casas com pedaços de pedras com cortes totalmente irregulares encontradas no próprio local, também fizeram as camas fabricadas com varas e usavam esteiras de bananeira para forrar. Para cada casa construída, um coco de roda era dançado para "acalmar a terra" - termo usado pela própria Dona Rosa em referência ao ato de bater os pés sobre o chão para preparar o terreno que daria lugar a mais uma construção de arquitetura rústica. Aliás, a dança é uma das poucas tradições mantidas naquelas terras, cujo resgate começou em 2003 com um trabalho de conscientização cultural que incluía um projeto baseado em informações colhidas entre os mais velhos como Dona Maria Massal, moradora que morreu em 2011, aos 101 anos.

2.2 A cultura do Quilombo Livramento

Em depoimento de dona Rosa, fica claro que em Livramento, os moradores festejam com danças e músicas próprias, sejam eventos religiosos ou profanos, são eles: o Coco, a Silim e a Cutilida, herdadas de seus ascendentes. Pelo menos desde fins do século XIX, os negros se reuniam de quinze em quinze dias para dançar coco.

Dona Chicola esclarece: “... antigamente dançavam o coco e fiavam algodão”. Faziam uma latada (Paus erguidos com cobertura de palhas de coqueiros ou de croatá, com um piso de barro), e dançavam em baixo desta. Conforme afirma “seu” Anísio, “Se ajuntava à negrada de lá, a negrada de Livramento, era a noite todinha. Tomando cachaça e dançando coco” .

As mulheres trajavam saias godês longas, bem rodadas, saias e blusas cheias de babados. Os homens usavam somente calças, com o passar do tempo foram passando a usar camisas. O principal instrumento musical utilizado era um ganzá feito de milho ou de merú (semente preta pequena), e raramente um pandeiro, feito de pele de cachorro ou raposa, pois não possuíam bovinos nem caprinos.

Relatam que por vezes também havia rabeca. Geralmente os versos eram feitos mentalmente, improvisando na hora da dança. A capoeira também era praticada, hoje não se vê mais. Seu Júlio (Júlio Paulino, 99 anos) contou que havia até desafios nos cocos: “Cheguei a ver e dancei muito... era nossa taverna era essa”.

O coco atraía muita gente, maioria negros de municípios mais próximos, como Patos e Princesa Isabel, localizados no estado da Paraíba. Quando cansavam, passavam então a cantar e dançar a Silim. Bailavam em par, na posição de valsa, rodopiando lentamente. Dona Rosa cantou um trecho da Silim. Eis então:

Oh silim, silim, silim
 Oh silim, silim, silá
 Abra a roda ô povo
 E abra a roda pra nós dançar
 Abra a roda oh povo
 Oh silim, silim, silim
 E ainda roda sem parar

As famílias que constituem Livramento são: Patrício, Angelino, Uien, Belarmino, Bola, Lisbão, Nonato, Fama, Simplício, Praieiro e Nassau. Afirmo dona Rosa, que duas famílias chegaram, primeiro ao local, a Simplício e a Patrício. Ao longo do tempo as famílias foram crescendo, novos habitantes foram chegando de diversos lugares. Hoje há intensa miscigenação, mas é visível a predominância da cor e da história negra.

Segundo Dona Rosa: afirma que ouviu dizer que logo que as primeiras famílias se estabeleceram em Livramento, uma negra de nome Iaiá foi tomar banho de rio. Iaiá, porém,

foi levada pela correnteza, e seu povo fez uma cantiga em sua homenagem. Toda vez que começam uma roda de coco, canta primeiramente ela. Eis a cantiga:

Eu vi Iaiá chorando
Chorando eu vi Iaiá
Eu faço que to te amando
Que to te amando
Que to te amando
Inda vou te amar

Nos depoimento de alguns habitantes mais antigos foi afirmado que Zé Gago, junto a Mané Praieiro, Marcos Luís (Luisome), Mané Home, Luís Praieiro, Genésio Praieiro, Seu Bino, Antônio Baião (Antoin), Antônio Rosa, Bastiana eram os músicos, tocavam e dançavam. Organizavam tanto o coco, quanto a cutilada. Seu Júlio, ao lembrar dos amigos coquistas, faz referência a Mané Praieiro, afirmando ser aprovado no coco, “Caía dentro, pinotando, sartando até de manhãzinha”.

Dona Rosa diz que a Cutilada era uma banda cabaçal formada só pelos negros do Livramento, que eles também denominavam de “Esquenta Muié”. Nas festas de São José, a cutilada acordava os moradores, entrava nas casas, era a maior alegria para Livramento. Há relatos de que também assim faziam nas festas de fim de ano.

Dona Rosa relembra que no tempo de Zé Gago, havia reisado, cantorias de viola, mamulengos. Hoje não existe mais nem resquício dessas celebrações. Nos fins de ano, a cutilada percorria todo o Livramento, os sítios próximos, alguns lugares de Triunfo, iam de casa em casa, tocando, animando as festa de fins de ano.

Chicola e Rosa possuem em suas memórias canções belíssimas, que retratam a vida antiga de Livramento, de como eram tratados os negros, seus sonhos e pensamentos. Uma canção chamou bastante a atenção, a “Cantiga do Nego do Cavalo”, que retrata a resistência à discriminação, a vida do vaqueiro, o sonhos de liberdade, de riqueza, de uma posição digna para o negro:

O meu cavalo tem um arrêi de ouro
No pescoço ele tem um medalhão
Nas pata dele ele leva um par de cacho
Bronzeado, de prata e ouro
No meu cavalo anda um belo negão
Trajado de gibão
Onde ele passava os branco dizia
Lai vem o cão
Mas o nego não era o cão
O nego andava atrás
Da sua libertação

A historiadora empírica Dona Rosa fala que os negros do Livramento sobreviviam graças à agricultura (plantavam milho, feijão, mandioca, cana-de-açúcar, bananeira, andu, etc.) e à criação de porcos e galinhas. E quando adoeciam eram socorridos por um curandeiro chamado João Baião, que fabricava remédios através de raízes de pau, conhecidos como garrafadas. O catolicismo predominava, mas com traços da cultura africana. Continua ainda como a principal religião.

Livramento tem a felicidade, através do exercício de contos, cantigas e danças, de viver a memória no seu cotidiano, que retrata a história e os costumes, a vida do passado e do presente. Essas cantigas revelam os sonhos, o imaginário, e o contexto histórico desse povo. A cantiga a seguir se refere à resistência dos negros aos maus tratos recebidos e aos sonhos de melhoria de vida que os afrodescendentes não se cansam de entoar como se fosse um hino.

Toquei meu mato
 Fiz meu roçado
 E o branco não queria não
 Mas eu toquei minha roça
 E plantei meu algodão
 Mas o branco não queria não
 Colhi meu algodão
 Vendi a primeira safra
 Comprei um caminhão
 Mas os branco não queriam não
 Aí na derradeira safra
 Carreguei meu caminhão
 E o branco foi tomá
 Mas nem que eu concida
 Mas nem dou meu caminhão
 Nem que eu concida
 Mas não dou meu caminhão

Segundo Amorim (*apud* SCHWARCZ, 2000,p. 80),

Nos estudos antropológicos, a ocupação do espaço aparece estreitamente vinculada não só com a reprodução biológica da vida humana, mas com a reprodução das relações sociais e com a existência e a permanência das culturas. Entre tais populações essa ocupação afirma -se com diferentes identificações, conforme as significações que lhe são atribuídas pelos grupos humanos que fazem uso e/ou ocupação coletiva da terra, configurando uma territorialidade própria a cada um deles. A ideia de territorialidade afirma -se mediante uma história construída pelos grupos, que despojam a terra de seu valor mercantil para impingir -lhe uma gama de significados, aos quais seria mais adequado atribuir um valor simbólico e político. Tais grupos investem seus territórios de uma história singular, de uma especificidade, onde a memória, a tradição, e as práticas sociais coletivas se cruzam e se interpenetram.

No que se refere a algumas dessas populações tradicionais – as comunidades negras rurais – diversos autores têm observado que a reprodução cultural baseia -se em uma ocupação e uso comunal do espaço, cuja imemorialidade é constantemente reafirmada. Nesse espaço, caracterizado como território, as diversas atividades sociais e econômicas realizadas por tais comunidades se configuram como práticas culturais desenvolvidas numa historicidade de resistência, permanência e reinvenção.

III- MEMÓRIA E PRESERVAÇÃO DO QUILOMBO LIVRAMENTO

Um Estudo que eu fiz sobre a Comunidade Quilombola Sítio Livramento, uma questão de fontes traz a união entre as fontes oral e manuscrita para o registro e a tentativa de melhor esclarecimento sobre a história dessa comunidade, que, de acordo com o historiador Eurípedes Funes apud (REIS, 1996, p. 467)

História que está presente na memória dos mais velhos, bons narradores da saga de seus antepassados, que permitem resgatar um passado nem sempre revelado nos documentos escritos. Uma memória que é referencial ao mesmo tempo de ancestralidade e de identidade .

Do cruzamento dessas informações, nasceu um histórico com foco em dança de roda de ritmos africanos e indígenas. "Os alunos locais iam estudar em escolas fora de Livramento e não conheciam a sua própria história", explica Eurides de Paula Santos, professora formada em Pedagogia na Universidade Federal do Vale do Acaraú e que dá aulas em uma escola localizada no interior do quilombo.

Ainda assim, a frequência da dança ainda é irregular e acontece, geralmente, com a chegada de visitantes ou em esparsas apresentações em cidades próximas como Patos e São José de Princesa. "A dança ainda está adormecida. É difícil envolver toda a comunidade nesse resgate, sobretudo, os jovens adolescentes que saem para estudar em outras cidades", analisa Eurides, que também encabeçou a elaboração do projeto cultural da região.

O pequeno José Belarmino dos Santos é um dos que parecem seguir na direção contrária e, quando uma roda se arma, é o mais entusiasta. "Gosto da dança porque é a nossa cultura. A gente aprende e tem que mostrar por aí o que sabe", comenta, em um tímido tom abaixo do normal. Conhecido como Zé, esse garoto de dez anos gosta de português, segue a tradição da dança que aprendeu com a avó e descreve a história de seus antepassados com a mesma naturalidade de quem viveu aqueles anos de perseguição racial. "Os brancos judiavam dos negros que moravam na casa de pedra e chão de barro", resume, de forma simples (e direta).

No entanto, o orgulho de raça e as fortes tradições ainda fazem muita gente não trocar aquelas terras por outros lugares com estrutura melhor. "Oportunidade de ir tem, mas ninguém sai daqui", conta Maria de Lourdes dos Santos, de 32 anos e presidente do Conselho de Agricultura do Quilombo do Livramento.

A popular Dona Rosa, que também nasceu no quilombo, já tentou morar fora dali duas vezes - uma no Paraná e outra em Conceição de Piancó, "onde a água é muito salgada" - mas

logo retornou às origens. "Só me acostumei quando voltei para cá outra vez. Meu lugar é aqui", responde orgulhosa.

Bom mesmo é poder sentar no quintal simples da casa dela, rodeado por árvores insistentes que ainda dão frutos naquele cenário de aridez castigante, para seguir ouvindo a infinita sequência de histórias que essa mulher consegue tecer quando chega alguém de fora. Em poucos minutos de conversa, Dona Rosa convida sem rodeios para conhecer a casa que mantém sobre uma colina. "Vamos embora para as minhas pedras", anuncia, indicando o caminho em direção a uma vereda com chão rochoso recortado por árvores secas e muros originais de pedras.

Do lado de fora da casa, que assim como algumas das construções locais também ganhou acabamento em alvenaria, algumas árvores fazem sombra e convidam para outra conversa demorada conduzida por Dona Rosa. Os vizinhos se aproximam, cadeiras de madeira são espalhadas em forma de roda e, outra vez, a falante Rosa rouba a cena.

Sentada, aponta para Elias Bezerra dos Santos, que ela chama de "meu noivo", e se apressa em dizer, orgulhosa, que estão casados há mais de 50 anos e que possuem 15 filhos, 23 netos e três bisnetos. Apresenta uma de suas filhas, chama o marido Elias para chegar mais perto e ainda tem tempo para lembrar a condição do negro no passado. "No meu tempo, branco não abraçava negro. Era muito preconceito", descreve, sem nenhum rancor aparente.

Pelo contrário, ela é uma daquelas pessoas de humor contagiante que consegue emocionar qualquer forasteiro que encoste ao seu lado disposto a ouvir cada uma daquelas histórias protagonizadas por nomes que vão se confundindo (e confundindo o interlocutor) entre um capítulo e outro.

Sobre preconceitos e falta de integração racial do passado, Dona Rosa relembra o caso de Zé Patrício, o "homem que não tinha o cabelo de ir pra trás", como ela mesma descreve este que, até a década de 1960, foi um importante líder local. Certo dia, um garoto branco se aproximou dele, que também era conhecido como Zé Gago por conta de seu problema de fala, e tocou sua pele como se quisesse tirar-lhe a cor escura do braço. "Essa tinta não pega, não. Quem botou essa tinta, colocou bem botado."

Aquela viagem pelo mundo negro segue no interior da casa erguida sob teto de telha, onde a anfitriã começa um passeio demorado por cada um dos cômodos. Na entrada, a sala de parede verde bem claro é recortada por imagens de santos e um altar improvisado sobre um raque de madeira ("eu sou devota de Padre Cícero", avisa); no espaço seguinte estão expostos como obra de arte a panela que as filhas compraram em uma visita ao Quilombo dos Palmares e um vaso imenso que ela garante que "é do começo do mundo"; e, no fundo da casa, fica a

cozinha onde repousam objetos capazes de levar o visitante a cenários que muitos só conhecem em ilustrações de livros didáticos sobre a história colonial do Brasil. É ali que estão o fogão à lenha, a coleção de chaleiras antigas e um ferro a carvão enferrujados que, guardados no alto da parede, assumem status de peça de museu histórico vivo.

Nos fundos, Dona Rosa exhibe a construção original que um dia funcionou como "casa de farinha", onde ela guarda também uma máquina antiga de costura e um pilão que, para mostrá-lo às visitas, entoava uma canção de melodia nostálgica enquanto vai simulando o pilar de grãos. "Pisa no pilão, bê, pisa no pilão, bá. Dona Maria pisa esse café que eu quero tomar". E aquela música vai ecoando pelo quintal antes de transportar os visitantes a uma época que aquela gente custa esquecer.

Percebi que quando o visitante ensaia terminar a entrevista, Dona Rosa o segura pelo braço e dispara: "mas eu não terminei a história dos negros, isso não tem fim". Se depender dela e de toda aquela comunidade empenhada, a história do quilombo deve continuar sendo entoada entre os muros de pedra que recortam aquela serra de geografia árida.

3.1 O inesquecível líder da comunidade de Livramento

Sabe-se que a presença de um chefe que comanda e organiza os diversos grupos sociais é sempre frequente e nos quilombos não seria diferente, pois sempre há aquela pessoa que é tido como líder em que todos devem respeito e ele se destaca entre todos da comunidade a que pertence. É geralmente uma pessoa mais velha e vivida. O historiador Eurípedes Funes comenta sobre esse assunto:

Considerando que no início do século XIX havia um contingente significativo de africanos nos mocambos, esses buscavam as suas origens, modelo de uma estrutura de poder. Posteriormente quando a presença de nacionais tornou-se maior, a estrutura de poder não foi rompida. Podem ter desaparecido a figura da 'corte', os governos 'despóticos', mas não a autoridade, os chefes, os cabeças dos mocambos, liderança que eram em sua maioria os mais antigos dos quilombos. Um poder que até hoje é lembrado pelos mais velhos que não sentem mais o 'respeito dos jovens'. A autoridade de um idoso representava a de um pai. (FUNES. 1996. P.480)

O povo de Livramento relata muitas histórias com o falecido Zé Gago, avô de Chicola. Ele era o líder da comunidade, com ele os negros de Livramento podiam entrar em qualquer cidade. Era quem impunha ordem, quem resolvia os problemas da comunidade. Organizava as danças de coco em sua casa. Não se podia namorar, mulher que recusasse dança, ele mandava ficar trancada no quarto, homem que fosse "bagunçá" a festa, era amarrado, e os brancos só podiam participar com bom comportamento e na condição de não "mexer" com as negras.

Luizão, Luizome e Zé Gago eram os maiores representantes da comunidade, os negros mais respeitados em Triunfo e nos municípios mais próximos. Chicola, não soube responder com precisão a data de nascimento de Zé Gago, mas pelo que afirma, é do início do século XX. Diz que “quando ele morreu deram fim à zabumba e os outros foram morrendo”. Afirma que faz cerca de trinta anos do seu falecimento. Dona Rosa conta que já foi feita uma estátua de Zé Gago, encomendada pela prefeitura de Triunfo, mas, já pronta, não fora exposta, pois o artista não foi pago, o que o levou a quebrar toda a obra.

Em palestra realizada na Escola Estadual de Educação Básica Nossa Senhora do Bom Conselho, no dia 26 de agosto de 2013, a senhora Dona Rosa descreve e canta com entusiasmo A cantiga homenageando Zé Gago, mostrando o quanto ele era respeitado dentro e fora da comunidade e quanto ele empunha respeito:

“Zé Gago chegou, Zé Gago chegou
 Ninguém vai fazer nada com ele
 Ninguém vai fazer nada com ele
 Zé Gago num sabe ler e nem sabe escrever
 Mas não tem medo de falar com juiz
 O direito, delegado e promotor
 Zé Gago chegou, Zé Gago chegou”

Os moradores de Livramento – Dona Rosa, Dona Chicola e Seu Zé Pequeno, contam que até pouco tempo atrás os negros eram evitados e tratados com discriminação, predominava na população ao redor o preconceito e o racismo. Dona Rosa relata que em Santana (PB), cidade próxima, diziam perante os negros do Livramento: “Lá vem os cão do Livramento, os nego do Livramento”. Diz ainda que um dos seus filhos não gostava de afirmar que era de Livramento, com medo de ser desrespeitado. “Antigamente era ruim um de fora querer visitar ou dá palavra com nêgo. Tinham medo ou nojo dos nêgo”, afirma Dona Rosa. Havia um ditado em Triunfo que se dizia quando queriam atingir as negras:

As nega do Livramento
 Querem ser ricas sem ser
 Vestem camisa de saco
 Dizendo que é laquê

Porém o grande Líder Zé Gago nunca negou suas origens e os descendentes pertencentes à comunidade quilombola do Livramento, isto é, crianças e adolescentes, também carregam Zé Gago como um símbolo um grande guerreiro pela força, resistência e identidade. Na verdade, Zé Gago se imortalizou dentro do quilombo, é sem dúvida o eterno

líder por ser um vitorioso, um herói diante de uma sociedade racista onde não havia respeito para com o negro e o grande líder conquistou a todos.

3.2 O Quilombo do livramento: ontem e hoje

A comparação do antigo e do recente dos moradores do quilombo Livramento é algo marcante nas conversações e nas entrevistas, quanto às modificações nas tradições e princípios, ora eles reclamam e ora enaltecem as melhorias realizadas no lugar, mas batem muito na tecla de que falta um reconhecimento valorativo diante dos mais velhos moradores.

Em conversa com Eurides de Paula Santos, professora da comunidade ela explica que atualmente o Livramento possui cerca de trinta e oito famílias que sobrevivem da agricultura e que outros foram para o Sudeste em busca de melhorias de vida. O tão conhecido “êxodo rural”. Falou também que a maioria eram homens que migravam para o corte de cana, no estado de São Paulo, na cidade de Leme e frisou que a quantidade que se estabelece nesta cidade já é tão grande que tem um bairro denominado de Novo Livramento. As esposas e filhos permanecem sozinhos, no quilombo por nove a dez meses esperando o retorno de seus maridos do corte de cana.

A educação do livramento, nos dias atuais, é assistida pelo governo da Paraíba com uma Escola Estadual Joaquim Joviano de Lima, onde funciona o Ensino Fundamental I as professoras que ali lecionam são da própria comunidade; a escola funciona em dois turnos e a história do quilombo é ensinada como matéria curricular, resgatando assim a cultura quilombola dos antepassados.

O coco, que é a maior referência cultural é, hoje, vivenciado como uma representação, segundo Dona Rosa: as senhoras mais velhas se organizam para se apresentarem nas festas em municípios vizinhos, quando são convidadas, no entanto não há presença dos homens mais velhos. A dança do coco é ensinada na escola existente na comunidade a crianças e adolescentes e nas festas estes também se apresentam. Como muito bem explica Dona Rosa

E tem muita gente por aí que diz que nós num deixa o coco morrer, agora nos temo uma escola de menino, de 12 a 16 anos dançando o coco e quando a gente sai pra dançar o coco fora, é três rodas de coco; primeiro dança as crianças depois os jove e por último nós as mulheres mais velhas. (Maria Rosa dos Santos – Dona Rosa. 78 anos)

A dança do coco acontece como um resgate cultural importantíssimo para os moradores do quilombo Livramento. A comunidade se sente bem em levar até o público espectador essa cultura empírica dos afrodescendentes, rememorando os rituais característicos

da dança com seus movimentos batidos, e suas vestimentas simples e originais para que se propague de geração em geração.

Observa-se que há, hoje, intensa miscigenação no quilombo Livramento, porém é visível a predominância da cor e da história dos afrodescendentes. Existem alguns que afirmam terem descendência indígena como é o do senhor Zé pequeno que diz que a sua avó materna era índia braba e que foi “pegada a dente de cachorro no meio do mato”. Mas a cor da pele dos habitantes, em especial os mais velhos não podem negar suas origens.

Conforme esclarecimento da comunidade do Livramento até recentemente, digo, até o início do século XX, os negros viviam completamente isolados no seu mundo quilombola porque sofriam bastante preconceito. Eles não frequentavam as festas dos brancos, pois eram mal vistos e com isso eles se retraíam. Mas hoje, o Livramento mudou muito a tecnologia chegou até eles. O quilombo possui energia elétrica, casas com antenas parabólicas, cisternas para armazenamento de água, escola com ensino infantil e fundamental I e até mesmo o sinal de celular. Este último é proveniente de uma torre da TIM de Triunfo (PE), município próximo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa permitiu fazer uma viagem através de conversas e entrevistas com os habitantes da comunidade quilombola do Livramento estado da Paraíba pertencente à cidade de São José de Princesa. Nos conhecimentos teóricos houve a ampliação da aprendizagem sobre o termo quilombo e sua conceituação, propagada pela historiografia e impregnada no imaginário social, precisou ser atualizado para abarcar a gama de situações que envolviam o contexto atual.

Levou também a compreender a diversidade de comunidades negras rurais e tomando como base as indefinições do texto legal, ressignificar um termo histórico utilizado pela Constituição Federal representava uma das propostas que visavam facilitar o processo de regularização de terras quilombolas, além de poder abarcar um número maior de comunidades remanescentes que se encontravam “fora” da conceituação clássica de quilombo.

Durante a construção desse trabalho, houve surpresas em reação aos relatos e memórias culturais dos habitantes do Quilombo Livramento através das suas cantigas que encantam os visitantes, as suas histórias de discriminações mostrando a força daquele povo sofrido mais feliz, os rituais religiosos os quais confortam e animam as noites festivas e tudo que uma comunidade afrodescendente precisou para conseguir sobreviver do julgo tirano dos poderosos.

Veio também contribuir com a quebra da hierarquia através da veracidade sobre os afrodescendentes através das visitas pode se ver e conhecer de perto a origem do quilombo, a existência de algumas pedras características da região, que foram nomeadas pelos quilombolas. São elas: Pedra do Morcego, Pedra do Velho Domingo e Pedra de Ambrosina (os negros ficavam no rachão à espreita de algum branco ameaçador). Esse resgate através da memória foram fatos importantíssimos que trouxeram a luz da sabedoria, histórias heroicas de negros sofridos mais valentes e combatentes na luta por seus direito de espaço e reconhecimento diante de uma sociedade discriminatória.

A pesquisa proporcionou momentos e situações reflexivas e emocionantes, de um aprendizado amplo, significativo e esclarecedor que me leva a partilhar com alguns leitores que se interessam pelo assunto, não só a memória sobre a formação do quilombo no alto sertão paraibano, mas a trajetória histórica destes e de seus descendentes, a vida no passado dessa comunidade, como se formou e como foram vividos seus costumes, seu imaginário e

sua trajetória ao longo dos anos e como os negros sobreviveram e hoje são vitoriosos na política brasileira, ainda com uma luta pela frente, porque são guerreiros e para os valentes a luta não acaba.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste – Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste.** 7º ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ARRUTI, José Maurício Paiva Andion. **Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola.** Bauru, SP: Edusc, 2006.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de Almeida. **Terras de preto, terras de santo, terras de índio - uso comum e conflito.** Belém: NAEA/UFPA, 1989.

AMORIM, Cleyde R. **A temporalidade “Kalunga” no espaço histórico do quilombo .** in SCHWARCZ, Lília K. Moritz & GOMES, Nilma Lino (or gs.). *Antropologia e História – debate em região de fronteira.* Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ANPUH – XXV **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA** – Fortaleza, 2009.

CANTARINO, Eliane, (Org.), **Quilombos: Identidade étnica e territorialidade.** Rio de Janeiro, ed. FGV 2000.

BÂ, A. H. **A educação tradicional na África.** Revista Thot., nº 64, Paris 1997.

FUNES, Euripedes. **“Nasci nas matas, nunca tive senhor” – História e memória dos mocambos do baixo Amazonas.** In: GOMES; REIS (orgs.) *Liberdade por um fio: História dos quilombos do Brasil,* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOURA, Clóvis. **História do negro brasileiro.** São Paulo: Ática, 1992. 2ªed

_____. **Quilombos: Resistência ao escravismo.** São Paulo: Ática, 1993. 3ªed

MARIANO, Paulo. **Achados de Perdição.** João Pessoa: Idéia, 1994.

NASCIMENTO. (1982): In__ FRANÇA, Edson; RUY José C. & VIEIRA, Manoel J. **Um olhar negro sobre o Brasil: dezoito anos de UNEGRO.** São Paulo: Anita Garibaldi, 2007.

OSÓRIO, Leticia Marques (org.) **Direito a Moradia e Territórios Étnicos.** Porto Alegre ed. Ética 2005.

REIS, J.J. & GOMES, F. S: **Liberdade por um fio: História dos Quilombos no Brasil.** São Paulo: Companhia das letras, 1996.

VESSONI, Eduardo **Revista RAÇA,** edição 185, 2013.

TANKALÊ formação para o auto-Registro audiovisual – **Comunidade Quilombola de Livramento e Águas Claras**. Direção de Eurides de Paula e Lourdes dos Santos. Incentivo Funcultura – Governo do Pernambuco, 2008. DVD (15 min), Produzido por Felipe Peres Cavalheiros. 2008.

FONTES ORAIS:

1. Maria Rosa dos Santos (Dona Rosa), 78 anos, moradora de Livramento.
2. Francisca Patrício (Dona Chicola), 64 anos, moradora de Livramento.
3. José Belarmino dos Santos (Seu Zé Pequeno), 79 anos, morador de Livramento.
4. Eurides de Paula Santos (Paula), 31 anos, professora e moradora de Livramento.

OUTRAS FONTES:

www.mocambos.net/media/upload/TCC_LUIZMARCOS.pdf
de LM de França Dias - Artigos relacionados
blogdasabrinabarbosa.blogspot.com/

SITE PRINCESAPB

<http://www.princesapb.com/nota189.htm>

ANEXOS

QUESTIONÁRIO DA ENTREVISTA

Local: _____ data ____ / ____ / ____

Realizada por: _____

1º Qual o seu nome completo? Sua Idade? E onde mora?

2º Você é alfabetizado (a), Isto é, sabe ler e escrever? Como eram as escolas antigamente e nos dias atuais?

3º Sabe me falar porque e como surgiu o Quilombo Livramento?

4º Qual a cultura existente no Quilombo Livramento (danças, músicas, Comidas, festas, religiões, vestimentas e outros)?

5º Quais as famílias que constituem o Quilombo Livramento?

6º Quem você tem como líder aqui no quilombo?

7º Quais as memórias que são preservadas no Quilombo Livramento?

8º Como era o Quilombo Livramento, no passado e nos dias atuais?



Fotografia 1- Vista panorâmica do Quilombo Livramento

Fonte: fotografada em momento de visita - 2013



Fotografia 2- Ruínas de uma das casas de pedra do Quilombo Livramento
Fonte: fotografada em visita ao Quilombo - 2013



Fotografia 3- Pedra do Tiú, onde os primeiros negros fugitivos se abrigavam.
Fonte: fotografada em visita ao Quilombo - 2013



Fotografia 4 - Crianças do Quilombo Livramento dançando “o coco”.

Fonte: fotografada em visita à escola do Quilombo - 2013



Fotografia 5

Seu Zé Pequeno – Morador do Quilombo Livramento e Maria do Bom Conselho-
pesquisadora

Fonte: fotografada em visita ao Quilombo - 2013



Fotografia - 6

Dona Rosa e Dona Chicola – Moradoras do Quilombo Livramento

Maria do Bom Conselho – pesquisadora

Fonte: fotografia realizada em visita ao Quilombo - 2013



Fotografia - 7

Maria do Bom Conselho – pesquisadora

Dona Rosa e Dona Chicola – Moradoras do Quilombo Livramento

Paula – Professora da escola do Quilombo Livramento, Dona Rosa

Fonte: fotografia realizada em visita ao Quilombo - 2013



Fotografia - 8

Casa de pedra – Residência do Quilombo Livramento

Fonte: fotografada em visita ao Quilombo - 2013



Fotografia - 9

Cerca de pedra no Quilombo Livramento

Fonte: fotografada em visita ao Quilombo - 2013